

TEMAS
PARA
GRUPOS PAROQUIAIS
DE
MEDITAÇÃO E ORAÇÃO COM A BÍBLIA

ANO PASTORAL 2023-2024
Arquidiocese de Évora

ÍNDICE

Introdução	5
Tema 1: A “oblação de Melquisedec” (<i>Gn 14,18-20</i>); (<i>Heb. 7,1-10</i>)	7
Tema 2: A celebração da Ceia judaica (<i>Ex. 12,1-14</i>).....	13
Tema 3: O sangue da Aliança (<i>Ex. 24,3-8</i>).....	19
Tema 4: O alimento no deserto (<i>Ex. 16,1-21</i>).....	25
Tema 5: Recordações do caminho: aprender com o passado ... (<i>Dt. 8,5-20</i>).....	31
Tema 6: Jesus alimenta a multidão (<i>Mc. 6,34-44</i>).....	37
Tema 7: Acreditar em Jesus, Pão da vida (<i>Jo. 6,26-59</i>).....	43
Tema 8: A última ceia de Jesus (<i>Lc. 22,14-20</i>).....	49
Tema 9: Lava-pés e Eucaristia (<i>Jo. 13,1-5</i>).....	55
Tema 10: A Eucaristia, sacramento de unidade (<i>1Co. 11,23-34</i>).....	61
Tema 11: Reconheceram Jesus a partir o pão (<i>Lc. 24,13-35</i>).....	67
Tema 12: A Eucaristia, fonte da missão dos crentes (<i>Act. 13,1-3</i>).....	73
Tema 13: O Domingo, dia do Senhor e senhor dos dias (<i>Mc. 16,1-8</i>).....	79
Tema 14: O Domingo, dia de Cristo ressuscitado (<i>Jo. 20,19-29</i>).....	85
Tema 15: A Eucaristia, fonte de partilha e solidariedade (<i>Act. 4,32-37</i>).....	91
Tema 16: As núpcias do Cordeiro (<i>Ap. 19,5-10</i>).....	97

INTRODUÇÃO

A Arquidiocese de Évora tem publicado um conjunto de temas de reflexão que se baseiam nas propostas pastorais de cada ano, com o objetivo de facultar aos Grupos Paroquiais e aos Movimentos de Apostolado algumas ferramentas para os integrar noutras iniciativas incluídas no programa. Estes temas, fundamentados em textos bíblicos e desenvolvidos seguindo o método da Lectio Divina, têm permitido manter o foco no objetivo geral do programa pastoral.

O plano pastoral dos próximos dois anos terá em conta a necessidade de apresentar um novo rosto da Igreja, aproveitando o impacto positivo das Jornadas Mundiais da Juventude, o caminho sinodal 2023 e 2024, a celebração do 53º Congresso Eucarístico Internacional na cidade de Quito, no Equador, de 8 a 15 e Setembro de 2024, e o V Congresso Eucarístico Nacional, em Braga, de 31 de Maio a 2 de Junho de 2024.

A Eucaristia é a melhor expressão da vida de Igreja, o centro de toda a vida cristã, de onde tudo nasce e para onde tudo converge. Nos anos da pandemia, a participação dos fiéis na Eucaristia Dominical foi afetada e muitos ficaram impedidos de se juntar à assembleia para a celebração. Reconhecendo a importância da celebração litúrgica na vida da comunidade e a necessidade de uma maior consciencialização de todos os participantes para tornar visível o rosto renovado da Igreja, são propostos temas bíblicos que nos fazem redescobrir as origens e o sentido da celebração da Eucaristia. A fonte é sempre a Sagrada Escritura, com textos, maioritariamente do Novo Testamento, mas também do Antigo, porque as raízes da celebração da Eucaristia se encontram na tradição hebraica.

A reunião dos grupos para a reflexão destes temas deve levar, necessariamente, a uma participação mais ativa e consciente na celebração Eucarística, onde cada um assume o seu papel e se compromete a viver aquilo que celebra.

TEMA 2

A CELEBRAÇÃO DA CEIA JUDAICA

1. ORAÇÃO

Senhor, estamos reunidos porque marcámos este encontro e já o fazemos com uma certa regularidade no dia e na hora que é mais favorável. É sempre bom poder encontrar-nos e conviver tendo como motivação principal a leitura e a meditação da tua Palavra. É ela que nos faz recordar a história do povo bíblico que é também a nossa história. Os grandes acontecimentos libertadores não se podem celebrar sozinhos nem de qualquer maneira. O modo como se faz, os elementos que se usam na celebração, os sinais que se realizam, as pessoas que tomam parte, tudo isto é importante para nos integrar na partilha da mesma fé.

Vamos hoje centrar-nos na leitura da celebração da Páscoa, a festa mais importante do povo de Israel e que é sinal da Páscoa cristã que, todos os domingos, celebramos na Eucaristia. Escutemos.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Depois de feito o registo nas próprias Bíblias, um leitor proclama calmamente a Palavra. A seguir, cada um lê para si próprio, em silêncio, a mesma leitura, a fim de a interiorizar. As Bíblias devem estar fechadas enquanto se faz a proclamação.

Proclamação da Palavra

Êxodo 12, 1-14

O texto descreve a celebração da Páscoa judaica indicando um conjunto de regras que devem ser cumpridas para que a recordação do acontecimento ao

longo das diferentes épocas da história de Israel seja compreendida por todas as gerações.

O povo encontra-se no Egito. A situação é muito difícil porque está sob o domínio do faraó e é obrigado a realizar um conjunto de tarefas ao serviço dos egípcios que o impedem de ser livre naquela terra estrangeira. A presença naquele território estava a tornar-se insuportável (Ex 1). Deus ouviu o clamor do seu povo e decidiu libertá-lo (Ex 3,7-8) através de Moisés, o escolhido para tirar o povo do poder do Egito e o conduzir para a terra da promessa

O Deus de Israel, entretanto, realiza sinais para confrontar o seu poder com o do faraó e assim demonstrar que o faraó tem, de facto, muito poder mas, não se compara com o que Deus realiza. O relato das pragas que aconteceram no território do Egito (Ex 7-11) pretende mostrar que Deus tem mais poder que o faraó mesmo que este se recuse a reconhecê-Lo. Sucessivamente, Deus manda sinais a que o faraó resiste endurecendo o seu coração. Chega-se assim ao anúncio da décima praga: a morte de todos os primogénitos do Egito (Ex 11).

A realização deste último sinal fica em suspenso porque o acontecimento da saída tem que ser celebrado de acordo com as instruções que Moisés e Aarão receberam de Deus e comunicam ao povo. Foi anunciada a morte de todos os primogénitos no Egito mas os primogénitos dos Hebreus serão poupados pelo sangue do cordeiro que será colocado nas ombreiras e no dintel das portas das casas das famílias dos Hebreus.

2.1. O ritual da Ceia

Tudo se passa ainda na terra do Egito. Por ordem de Deus, Moisés dirige-se a toda a comunidade dos filhos de Israel e diz-lhe que aquele mês será para todos eles o primeiro dos meses. No dia 10, cada família tomará um cordeiro para a sua casa a fim de ser sacrificado no dia 14. Se a família for pequena para depois comer a carne do animal, deverá juntar-se aos vizinhos calculando o número de pessoas para o consumir.

O animal, cordeiro ou cabrito, deve ser sem defeito, macho, e de um ano de idade. Fica guardado até ao dia 14 e será morto ao entardecer desse dia. O

sangue do animal imolado será derramado sobre as ombreiras e o dintel das casas onde se toma a refeição e servirá de sinal para não serem exterminados os primogénitos dos que celebram aquela refeição.

Deve ser totalmente assado no fogo e ser comido numa atitude de pressa e de temor, com pães sem fermento e ervas amargas, mostrando todos prontidão para partir de imediato. Não se pode deixar nada para o dia seguinte: o que sobrar será queimado no fogo. Todos os que participam na refeição devem ter os rins cingidos, as sandálias nos pés e o cajado na mão porque há pressa em sair naquela noite. Precisamente nessa noite o Egito é ferido com a morte dos primogénitos.

O v.14 vem dizer que aquela primeira Páscoa deverá ser celebrada ao longo das gerações como lei perpétua. Acrescenta-se ainda nos versículos seguintes (15-20) tudo o que se refere à festa dos ázimos, do pão sem fermento, que acompanha a recordação do grande acontecimento da saída do Egito. É evidente que, na saída do Egito, o povo não teve tempo para guardar a festa do pão ázimo tal como posteriormente foi celebrada, durante sete dias. Este texto que descreve todo o ritual da ceia pascal é posterior e reflete o modo como Israel celebrou a Páscoa ao longo dos tempos. Por todas as gerações se deve recordar o que o Senhor fez com os filhos de Israel quando os tirou da terra do Egito: “quando os vossos filhos vos disserem: ‘o que é este serviço cultural para vós?’ Vós direis: ‘é o sacrifício da Páscoa em honra do Senhor, que passou ao largo das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu o Egito e salvou as nossas casas’” (Ex 12,26-27). Esta resposta não é apenas uma informação; é, sobretudo, a confissão da participação continuada de todo o povo de Israel no acto decisivo da libertação do Egito. “Cada um deve considerar-se como tendo saído do Egito”.

2.2. A Páscoa judaica

No centro da Páscoa judaica está o memorial da libertação do Egito que, independentemente do seu valor num determinado momento da história, marcou profundamente o povo bíblico considerando-se que Israel ganhou a sua

consciência como povo a partir da saída do Egito. O testemunho desta importância está na sua recordação e celebração. A Páscoa é, de facto, a principal festa dos judeus.

O que ficou mais enraizado foi o modo como se celebrou o acontecimento: na noite de 14 para 15 de Nisan, o primeiro mês do ano; um cordeiro cujo sangue serviu de sinal para poupar os primogénitos das famílias dos filhos de Israel; os pães ázimos, sem fermento, comidos à pressa com as ervas amargas, para poder sair imediatamente; o êxodo, essa saída memorável, que orienta o povo para a liberdade e a terra prometida; a reunião da família, todos os anos, para significar que se faz parte deste povo independentemente do período da história em que cada um se encontra.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Nós, os cristãos, olhamos para a ceia pascal judaica reconhecendo a sua importância na história mas, ao mesmo tempo, confessamos a nossa fé em Jesus Cristo, em quem culminaram todas as profecias do Antigo Testamento. Já não celebramos apenas a saída do Egito. Ainda que todos os anos, pela Páscoa, recordemos sempre as gestas de Deus na história do povo escolhido, e nos textos do Antigo Testamento o Êxodo apareça como o grande acontecimento libertador, os cristãos não recordam só esse momento mas entendem que ele é um sinal, dentro da história da salvação, do antigo e do novo, da morte e da vida, do passado e do futuro.

O Êxodo é, para a Igreja, o anúncio da esperança, de uma libertação maior, que não fica reduzida a uma simples recordação do que Deus fez um dia aos filhos de Israel no Egito. Aquilo que Israel lembra como substância da sua liberdade é, para a comunidade cristã, o anúncio da esperança de uma libertação maior: aquela que Cristo realizou com a sua morte e ressurreição no seu mistério pascal.

A salvação de Deus não é simplesmente uma libertação política de um tirano do Egito mas é a luta contra o pecado e a vitória sobre o mal; é a

transformação da vida na liberdade oferecida por Cristo com a sua ressurreição.

O cordeiro imolado, elemento principal da ceia pascal judaica, converte-se no símbolo do preço que Deus paga pela redenção da humanidade: o cordeiro é figura de Cristo, daquele que é levado ao matadouro sem abrir a boca (Is 53,7) e cuja morte tira os pecados do mundo. A Eucaristia que a Igreja celebra atualiza esta entrega de Cristo e torna presente, na história, a libertação que Jesus realizou quando se entregou à morte por todos nós.

Apesar da ceia pascal judaica ter sido superada pela celebração do mistério pascal de Cristo, a Igreja recolhe a importância da celebração que faz memória dos acontecimentos narrados tanto no Antigo como no Novo Testamento. O ritual da Páscoa judaica sublinha o carácter comunitário da intervenção de Deus. A celebração da Páscoa, tanto dos judeus como dos cristãos, faz memória do passado e aponta para um futuro. Para os cristãos, este futuro realiza-se na vinda definitiva de Cristo, quando se passar deste mundo de peregrinos para o reino eterno com Cristo.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

A vida do povo de Israel é marcada por aquilo que celebra. A recordação dos acontecimentos, os tempos e os lugares são importantes para sustentar a sua vida, principalmente nos momentos difíceis da sua história. Reconhecer que Deus fez sair do Egipto e continua a libertar da escravidão dá alento ao povo e convida a olhar para o futuro com esperança. O que é que nós celebramos a nível religioso? Que datas é que respeitamos e que implicações isso tem na nossa vida?

Um dos elementos principais da celebração da Ceia Pascal Judaica é o seu carácter familiar. Ninguém celebra sozinho. E, se a família for pequena, junta-se aos vizinhos mais próximos para comer o cordeiro da Páscoa. O critério é o que cada um poderá comer para evitar as sobras. E nós? Quando participamos

numa celebração apreciamos a companhia dos outros e o convívio, ou preferimos encostar-nos a um canto da Igreja para que ninguém nos incomode?

Como é que reagimos à linguagem sacrificial do cordeiro e ao significado do sangue? Será que também ficamos indiferentes quando nos referimos ao sangue de Cristo?

O texto do Êxodo dá particular realce ao facto de os comensais participarem na refeição da Ceia Pascal “com os rins cingidos, as sandálias nos pés e o cajado na mão”. O Senhor salva mas ninguém pode ficar parado a olhar para o que pode acontecer; é preciso dar resposta e caminhar.

Um último aspeto que convém sublinhar: a continuidade da celebração. Não basta recordar uma ou outra vez na vida: é preciso ter sempre presente a grande libertação realizada por Deus e considerar-se comprometido com ela, enquanto membro do povo cujos antepassados fizeram esta experiência em tempos remotos

5. ORAÇÃO

A terminar o nosso encontro vamos louvar o Senhor com as palavras do Sl 136, 10-15:

Feriu os primogénitos do Egipto,
Porque o seu amor é eterno!
Fez sair Israel do meio deles,
Porque o seu amor é eterno!
Com a sua mão forte e o seu braço estendido,
Porque o seu amor é terno!
Dividiu a meio o Mar dos Juncos,
Porque o seu amor é eterno!
Fez passar Israel através dele,
Porque o seu amor é eterno!
Afundou o faraó e o seu exército,
Porque o seu amor é eterno!